

ALGUMA COISA ACONTECEU NO 401

UM TRIBUTO LITERÁRIO
A LUIZZ RIBEIRO

ALEXANDRO FLORENTINO
JORGE ROCHA
(ORGS)



**ALEXANDRO FLORENTINO
JORGE ROCHA
(ORGS)**



**ALGUMA
COISA
ACONTECEU
NO 401**

**UM TRIBUTO LITERÁRIO
A LUIZZ RIBEIRO**

**CAMPOS DOS GOYTACAZES, RJ
DEZEMBRO/2020**

A396

Alguma coisa aconteceu no 401 : um tributo literário a Luiz Ribeiro
[livro eletrônico] / Alexandre Florentino, Jorge Rocha,
organizadores. – Campos dos Goytacases, RJ : Os organizadores,
2020.
520Kb

ISBN 978-65-00-14303-4 (E-book)

1. Contos brasileiros. 2. Ribeiro, Luiz, 1951-2010. I. Florentino,
Alexandre, org II. Rocha, Jorge, org. III. Título.

CDD B869.3

CRÉDITOS

ALGUMA COISA ACONTECEU NO 401

Uma criação do selo editorial ScoolRause

ORGANIZAÇÃO

Alexandro Florentino e Jorge Rocha

PROJETO GRÁFICO

Jorge Rocha

FOTO DE CAPA

Wellington Cordeiro

PREFÁCIO

Winston Churchill Rangel

AUTORES

Alexandro Florentino, Jorge Rocha,
Márcio Aquino Freire e Wesley Machado.

CATALOGAÇÃO

Lucyene Almeida de Faria Brito

ÍNDICE

PREFÁCIO

Winston Churchill Rangel
Pág. 6

ALICE EM CHAMAS

Alexandro Florentino
Pág. 8

IN THE SKA

Alexandro Florentino
Pág. 11

LA VIE EN BLEU

Jorge Rocha
Pág. 13

PELA JANELA

Jorge Rocha
Pág. 15

ALGUMA COISA VAI ACONTECER NO 401

Márcio Aquino Freire
Pág. 17

CONDICIONAL

Márcio de Aquino Freire
Pág. 19

CINCO HORAS BLUES

Wesley Machado
Pág. 23

MULHER IRADA

Wesley Machado
Pág. 25

DEPOIMENTOS

Pág. 28

PREFÁCIO

WINSTON CHURCHILL RANGEL

Pensando aqui com meus mal abotoados botões que pessoas passam por nossas vidas uma vez só e algumas são como paisagens das quais guardamos, se muito, lembranças e fotos esmaecidas, dessas, somos nós os passantes. Apenas com algumas se tem muitos reencontros, no caso, foram vários os nossos, meus com Luiz Ribeiro, o segundo zê foi por ele acrescentado ao nome. Destacando três.

Vejamos a primeira vez, com os necessários descontos porque memória fica embaçada que nem vista com catarata. Século passado, nos inesquecíveis anos 70, eu chapado de xarope, fumo, birita e o que mais pintasse, na minha, nem me lembro porque estava lá mas estava lá, em um festival de música, onde um locutor, voz anasalada, não sei bem se por deficiência do equipamento ou caso de adenoides mal capadas, anunciava ele, aos senhores e senhoras com a afetação de praxe, “próxima atraçãããã - Banda Lúcia Lúcifeeeer!” que apresentou a música autoral - Mulher de Bandido – de “Luiiiiiiz...”, ainda com um zê só, “...Ribeiiiiiro!”. Numa cidade como Campos, provinciana, conservadora, reacionária pra dedéu, aquele menino negro metralhando na guitarra várias rajadas prenhas de ira, narrando as paixões, desditas, crimes e castigos da biografada madame, ia além de tudo como um rio que se cansa do bom comportamento, do viver deslizando placidamente entre as margens, prisioneiro na caixa e, um dia, dá a louca e transborda. Por sorte, além de fã, virei amigo.

Já neste século, nos reencontramos frente a frente em margens opostas, não palco e plateia como antigamente, mas separados por um balcão de cartório, eu bancando o advogado e Luiz, aí só com um zê, Oficial de Justiça da Junta do Trabalho. Ambiente careta, nada a ver com nossas almas. Por gostar muito um do outro, sorriamos, como quem diz, isso passa. Também, por sermos duros na queda, pra não dar o braço a torcer. Mas éramos o triste espinhaço de um rio na seca. Depois, dei minha carteira da OAB pra lemanjá numa virada de ano novo. Luiz Ribeiro voltou a usar o segundo z depois que, muito cedo, se encantou.

E tem o inesperado reencontro de agora, ele sendo homenageado por belíssimos textos dos amigos. Eu, mordendo o beijo porque lembrar dos tempos bons faz arder os olhos e doer o peito, mais que honrado por escrever esta apresentação.

Alô, alô, Avyadores do Brasil...

ALICE EM CHAMAS

ALEXANDRO FLORENTINO

Dentro do ônibus, antes mesmo da partida, era capaz de sentir por todo o corpo, como descargas elétricas, os sentimentos mais contraditórios. E, a cada quilômetro percorrido, perguntava-se se ainda era capaz de ser surpreendido com o fato de uma cidade surgir, de repente, em meio aos canaviais cortados pela BR 101.

Já era noite. Uma característica noite seca e gelada de agosto. O sibilar dos ventos ardiavam a face feito chicote. Mesmo assim, ao descer na rodoviária (na beira da estrada), aspirou o ar denso de vinhoto, fez um mapa mental e caminhou até a cidade.

Na rota, os estabelecimentos que porventura ainda estivessem abertos. E assim, feito a cidade que brotava em meio aos canaviais, surgiu como assombração. Ao menos a julgar pelo olhar dos poucos conhecidos que encontrou.

Bons anos tinham passado. Fora embora sem qualquer aviso. Muitas especulações, inclusive que tinha morrido. De fato, era o que queria. Mas não teve coragem para ir tão longe. A questão é que muitos acreditavam nesta hipótese. Portanto, a ressurreição causou momentâneo espanto.

Em sua rota, deparou-se com Alex no último bar aberto, em uma encruzilhada. O amigo, mesmo surpreso, o recebeu com entusiasmo.

- Caramba. Jamais poderia imaginar que iria te encontrar.

Cumprimentou Alex com um leve sorriso e, também, Luiz, que estava à mesa com seu habitual semblante calmo. Alex era um dos poucos que sabiam sobre Alice e o quanto esse assunto mexia com o amigo, mesmo assim, enquanto enchia o copo, murmurou:

- Quanto tempo. Desde que Alice... E interrompeu sua própria fala, dando-se conta de ter dito algo proibido.

Vendo o desconcerto de Alex, contudo, o acalmou:

- Não esquenta. Preciso encarar. Aliás, voltei para sentir algumas coisas que varri para debaixo do tapete.

Luiz, por sua vez, enquanto olhava no fundo de seus olhos, completou:

- É preciso entender que algumas pessoas queimam rápido, feito vela em chamas.

Entreolharam-se, tomaram mais um trago e permaneceram em silêncio. Silêncio cúmplice aos sentimentos do amigo. Havia muito tempo que não se sentia tão bem quanto naquele momento.

Ao sair, hospedou-se no hotel mais alto da cidade. Pediu acesso ao telhado, o que, com um certo número de cédulas, foi prontamente atendido.

Ainda não eram cinco da manhã. Mas, ali o sol nasce cedo. Mesmo não sendo pôr do sol, com a luz intensa e quente do amanhecer, foi inevitável não lembrar das palavras de Luiz, cochichadas antes de ir embora

- Há um incêndio além do pôr do sol. Uma inundação, lavas de vulcão. E, nas missões de abismo, ela encontra equilíbrio na corda bamba

.Contemplando a vasta planície, voltou a sorrir. De fato, esta era a Alice que conheceu.

IN THE SKA

ALEXANDRO FLORENTINO

Largado na mesa suja, afundava-se no copo de conhaque barato e limão. A névoa de nicotina e alcatrão (entre outras substâncias nocivas até mesmo a ratos) era grande e impregnava o ambiente, bem ali, na esquina da salvação (suposta) com a perdição.

O ressoar dos tacos e bolas de sinuca era a trilha sonora para sua absorção à autopiedade mesquinha. Não, isso não quer dizer que era um fraco entregue aos próprios infortúnios, como se tudo aquilo fosse inevitável. Na verdade, era um sobrevivente. O purgatório era onde testava o quanto era capaz de aguentar a vida. Um jogo perigoso, de fato!

Não era possível ver direito os rostos das pessoas em meio a penumbra. Além da fumaça, poucas lâmpadas amareladas funcionavam. Mas quem ligava!? Não havia nada a ser visto ali.

Pelo menos era o que pensava. Até o momento em que escutou uma voz acompanhada por uma levada de ska num violão surrado. Da música, escutou só a parte em que a mulher, de cabelos curtos e sorriso farto enquanto cantava, dizia:

- Nem um dó. Nem todos os peixes, mas todos os rios quando estamos nus!

Era só violão, contudo, aquele sorriso, aqueles movimentos, eles o faziam escutar toda a linha de baixo e bateria, entre outras firulas de teclados e metais. Quando terminou a música, seus olhos se encontraram. Ela, por sua vez, levantou e caminhou com leveza por entre todos aqueles corpos indolentes. Aproximou-se, no pé do ouvido soprou:

- Sabe lá fora? O sol brilha!

Num sobressalto acordou em seu quarto escuro. Atirou-se a abrir as cortinas e, para seu espanto, o sol brilhava.

Na mesinha, à cabeceira de sua cama, não viu o bilhete assinado com um beijo vermelho e onde era possível ler a única frase grafada:

In the ska!

LA VIE EN BLEU

JORGE ROCHA

Antes mesmo de anunciar a próxima música, fui informado que se passaram dez anos da sua morte. *Veio um avião do tempo, bem debaixo do meu radar, pra me acordar.* No momento de apresentar a versão que eu e Meu Baixista de Todos os Tempos fizemos de uma das suas canções que mais gosto. Enquanto ele canta *la la la la la hey, la la la la la la la hey*, me lembro de Sérvulo Sotto, impávido baixista dos Avyadores do Brazyl, que não saía do lugar enquanto tocava. Era subir no palco e estabelecer um campo gravitacional que o manteria estático até o último acorde após o bis. Como se houvesse ali um X marcando o espaço que ele deveria ocupar. Havia comentado isso com você, momentos antes de começar o show de lançamento de *Alguma coisa vai acontecer no 401* e a consequência foi inevitável

Enquanto Sérvulo subia no palco, fomos traçar um X invisível bem onde ele costumava se posicionar. Às gargalhadas e gesticulando em um tom cerimonioso, enquanto ele apenas balançava a cabeça condescendente, criamos ali um ritual que iríamos repetir em outros palcos. E sempre com você me dando permissão de bancar um espírito zombeteiro goitacá benzendo um terreno para o blues, fazendo parte do show antes do show.

Isso foi antes. E hoje?

la la la la la hey
la la la la la la la hey

Em nossa última conversa por telefone, pedi para que não nos desse sustos, do mesmo modo que você me pediu uma vez. Não adiantou muito. Ouvi a mesma resposta que havia te dado naquela época: canta blues que passa o susto. Cantei uns blues - que você me ensinou - para meu filho, quando ainda era um recém-nascido, enquanto o colocava para dormir. Cantei até uma versão de The House of the Rising Sun que te ouvi tocar uma vez e nunca esqueci. Com o meu terno de crooner dissidente, que me protegeu da neve preta todo esse tempo, alcanço essa parte da tua canção, agora envelhecido e curtido, caminhando pelo palco com mil caldeiras no coração.

muito cuidado com a tristeza
porque ela pode, um belo dia, lhe pegar pelo pé
e você não queira que ela
vá embora
vá embora

Enquanto canto essa parte, olho para algum ponto acima das cabeças da plateia e me avisto abraçado a Lula Ferreira, depois de anos sem vê-lo. Ouço-o dizer, mais uma vez, para mim: saudade de vocês, saudade de Luiz, saudade da gente, cara! Frágeis e segurando pateticamente as lágrimas, nos despedimos e seguimos noite adentro, cada um em seu compasso. O calor das caldeiras agora percorre meu corpo inteiro, ao mesmo tempo em que me sento ao piano e passo a acompanhar o coro de vozes femininas que acrescento à essa versão da sua música. Para todo o sempre, a partir de hoje.

la la la la la hey
la la la la la la la hey
la vie en bleu

PELA JANELA

JORGE ROCHA

Há um quadro da Audrey Hepburn bem à minha frente. Passei as últimas três horas sentado em minha cama, olhando para esse quadro, avaliando escolher entre memória ou despedida. E agora observo, sem mover um único músculo, o contorno de uma ampla janela de estúdio de gravação se desenhar na parede à minha frente, bem ao lado do quadro. Enquanto a janela se forma, consigo distinguir do outro lado, um cômodo cuja existência eu desconhecia. Há apenas uma cadeira, fones de ouvido e um microfone de pedestal nessa sala. Lá dentro, por uma porta lateral fora de meu campo de visão, uma animação aquarelada de Luiz Ribeiro entra na sala de iluminação opaca e move-se quadro a quadro em direção à cadeira, empunhando um violão e deixando um rastro psicodélico de fogo-fátuo.

De costas para mim e para o mar, já sentado na única cadeira dessa sala, a representação aquarelada - que eu viria a colocar na capa de um livro - testa o microfone e coloca os fones, não sem antes beber uma dose de energético com conhaque. Sabendo que não pode fugir de mais e melhores blues, ele anuncia a música e começa a cantar, o rosto antes algo entre severo e impassível ganhando outra expressão à medida em que aquela sala se modifica.

Janelas iluminadas se abrem naquele cômodo, dando outras cores ao ambiente, mas o Luiz Ribeiro que desenhei para essa história parece não perceber. De olhos fechados - aposto que está assim -, como se fosse uma forma de oração, empenha-se em cantar um poderoso verso de invocação. De cada uma das janelas entram na sala, uma a uma, as nove filhas de Mnemósine e Zeus, dançando alegremente ao seu redor e fazendo coro enquanto ele canta, sem parar.

Um pequeno sol incendeia meu quarto enquanto a música sobe de intensidade e volume. Ainda assim, consigo ver as nove inspiradoras bailando, algumas seguindo a levada do baixo e da bateria e outras flutuando com as notas da guitarra, enquanto ele marca o tempo da música batendo com o pé direito no chão, conduzindo a canção para seu final. E nem me deixo levar pelo espanto, ao me dar conta de que ouço uma banda inteira tocando, sendo que ele está sozinho naquela sala, apenas com um violão, uma cadeira, fones de ouvido e um microfone de pedestal.

Depois dos últimos acordes, a imagem aquarelada de Luiz Ribeiro, ainda de costas para mim, bebe outra dose de energético com conhaque, antes de misturar-se à toda luz. E eu não tive como agradecer.

Até agora.

As musas voltam para as suas janelas, rindo, sem pressa e acenando umas para as outras, como se fosse habitual tudo aquilo que eu acabei de presenciar. Polímnia é a última delas na sala e, antes de voltar para sua janela, olha em minha direção e sorri cúmplice.

ALGUMA COISA VAI ACONTECER NO 401

MÁRCIO AQUINO FREIRE

Mal sentei no carro, atrás do volante, e já me vinha à mente uma frase talvez premonitória: “Alguma coisa vai acontecer no 401”. Era apenas mais um dia que avançava em direção à noite, um fim de tarde após um dia exaustivo de trabalho.

“Alguma coisa vai acontecer no 401”. Talvez não seja uma frase premonitória e profética, mas sim, redundante e previsível. Sempre acontece alguma coisa naquele endereço para onde me encaminhava. Alguma coisa vai, pode, há de acontecer no 401. Em minha mente essa certeza martelava minha cabeça, percorria labirintos em meu pensamento, abraçava minha consciência, enquanto me dirigia rumo àquele endereço, para aquele apartamento cujas paredes recém pintadas traziam um pouco de meu DNA nelas incrustado.

Percorro as ruas, entre sons de buzinas, letreiros de neon, semáforos camaleônicos que me fazem parar constantemente. Meu relógio denuncia um atraso inexistente, pois não havia hora marcada para nada, mas a ansiedade e a expectativa estão sempre atrasadas, têm urgência e vivem em constante pressa.

Chego ao endereço finalmente. O prédio de apartamentos sem porteiro parece me receber sem sinais de surpresa ou entusiasmo. Subo pela escada. A energia acabou. Quatro andares por degraus de um mármore desgastado. Chamo seu nome.

No quarto andar já ouço um som de guitarra vindo do aparelho de som que um dia foi meu. A porta estava encostada. Era só empurrar. Lá estava ela sobre o sofá da sala com um copo de água gelada em uma mão e na outra uma cartela de Lexotan, talvez pensando na morte da bezerra e nas porradas que a vida dá. “Não faça isso, baby”. Amanheceu no 401. Aconteceu no 401. E eu quero mais um.

Ela é a minha felina nas minhas noites de cão.

CONDICIONAL

(ou O dia em que Luiz Negão encontrou Black Louis)

MÁRCIO AQUINO FREIRE

O mundo gira, parece sair do eixo, apronta peripécias cósmicas e volta ao seu normal como se nada tivesse acontecido, como se a única mudança digna de registro fosse o gesto de trocar a folhinha num calendário desgastado. A vida percorre caminhos e nós a seguimos e vemos o desaguar de imagens que nos trazem de volta um filme que já assistimos, mas que esquecemos de seu final, se é que esse final não é mutante, e se transforma de acordo com a posição do vento, da fase da lua, de nosso senso de humor ou apenas do ato de dormir, sonhar e acordar, pra depois esquecer de tudo.

Assim o mundo mandava sinais, quando duas almas gêmeas distantes mas presentes em seus universos particulares pareciam se comunicar sem nem perceberem os sinais mentais de fumaça que os unia.

Dois guitarristas que traziam na pele e no sangue as raízes da África ancestral e musical. Vivendo mundos paralelos, separados e um tanto distantes. Universos diversos. Onde a ficção e a realidade se unem nos acordes de guitarras afinadas pelo diapasão da sincronicidade. Dois negros, dois guitarristas. Um, Luiz Negão, outro Black Louis. Talvez uma mesma alma. Um mesmo toque preciso de guitarra.

Um dia Alex, um garoto que já pensava em escrever suas ainda jovens e precárias memórias escreveu, descrevendo um dos muitos shows que assistiu de Black Louis:

“Black Louis naquela noite estava endiabrado. Sua guitarra só faltava falar em suas mãos. O baixo e a bateria também eram precisos e não deixaram em nenhum momento a peteca cair. A introdução de Hey Joe, de Hendrix, fez a plateia delirar, já imaginando a performance avassaladora que viria a seguir (...)”.

Eu, um fã do outro guitarrista, ao ler esse trecho de um futuro livro de memórias romanceadas, percebi que aquelas palavras descritivas se encaixariam perfeitamente em vários shows de Luiz Negão que eu havia assistido. Então pensei comigo:

- Será Black Louis um alter ego de Luiz Negão? Até o nome era quase o mesmo.

Consegui o contato do tal Alex, e de quebra, de sua namorada, Layla, e ainda de uma turma de malucos, que se denominavam “do PLZB” (Pra Lá de Zuzo Bem).

Mostrei a Luiz esse trecho do diário. Ele leu e sorriu. Sentiu-se incorporado naquele personagem. De alguma forma enxergava-se naquela descrição. Podia ser ele. Por que não? Seria necessário unir os dois. A Turma do PLZB se encarregou disso, ao fazer, através de mim, um convite a Luiz, para assistir, e quem sabe, participar de um show que Black Louis e sua banda fariam nos próximos dias.

Ao ser comunicado sobre o convite que, por meu intermédio ganhou status de convocação, Luiz Negão aceitou meio desconfiado, mas por via das dúvidas até levou uma de suas palhetas.

O show aconteceu em um bar com um clima meio sombrio. O público era composto, uma boa parte, de punks anos 70, o que significava uma massa de clones de Sid Vicious: uma visão de caras empasteladas, corpos moles, acne explícita e fumantes compulsivos, um descompromisso generalizado com a saúde.

No camarim improvisado, antes do show, a banda de Black Louis afinava os instrumentos e se abastecia de cerveja. O casal Alex e Layla ao me ver com Luiz logo percebe a semelhança entre os dois, e nos encaminha em direção ao trio, que se preparava para subir ao palco. Não houve muito tempo para apresentações, pois o público impaciente já urrava ensandecido exigindo a presença da banda no palco. Os dois se cumprimentaram rapidamente, antes da banda entrar em cena, e iniciar uma seleção de rocks pesados, bem ao gosto do público.

Durante um curto intervalo, quando os dois quase gêmeos, sócias na aparência e na forma de empunharem a guitarra, finalmente trocam palavras e experiências, Black Louis se sentiu tão seguro em relação a seu semi-irmão gêmeo, que já de volta ao palco, em meio, à apresentação, anuncia sua participação improvisada, e sem ensaio. Parecia ver-se na pele de Luiz, e tinha certeza que seu entrosamento com a banda seria quase telepático.

Luiz Negão apenas trocou algumas palavras com os músicos, combinou tocar alguns clássicos do rock pesado, pra não fugir do clima do show e não desagradar ao público, e fez uma participação de arrepiar.

Seu entrosamento e envolvimento com a banda eram tantos, que resolveu arriscar um rock autoral. Um risco, sem dúvida. Logicamente resolveu escolher uma das músicas mais pesadas de sua leva, Condicional.

Mesmo sendo desconhecida pela banda, não tinha como errar. A levada era clássica, da escola básica do rock'n roll. Era só o baixo e a bateria seguirem o ritmo e fazer o som rolar.

O bando de malucos da plateia ensandeceu. Pareciam já conhecer aquela música que eles ouviam pela primeira vez. Condicional virou o ápice daquela noite de rock efervescente. Me juntei a Alex, Layla, à Turma do PLZB e a Black Louis , que meio em transe, como se tivesse se vendo no palco, prometeu aprender a tocar Condicional, e incluí-la em seu repertório

Um dia, Luiz Ribeiro, ou Luiz Negão, pediu licença pra beijar o céu, e tocar a música das estrelas. E em algum lugar, perto ou distante, seu alter-ego Black Louis toca Condicional sempre com a alma latejante, como naquela noite em que se aproximou de Luiz Negão e ouviu pela primeira vez a música mais pedida em seus futuros shows.

CINCO HORAS BLUES

WESLEY MACHADO

Campos dos Goytacazes-RJ, início do século XXI. Renato é um jovem de seus 20 anos, que havia acabado de ser aprovado no vestibular para Cinema & Vídeo da Universidade Federal Fluminense (UFF). Dali há alguns meses iria morar em Niterói-RJ, onde ficava o Instituto de Artes e Comunicação Social (IACS).

A partir daquele final de semana de inverno, Renato viveria momentos inesquecíveis da sua vida. Tudo começaria na quinta-feira no tradicional Bar Bicho André, reduto alternativo da cidade. Renato havia acabado de se desincompatibilizar da bolsa de trabalho no Espaço da Ciência da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Ele estava livre para aproveitar uma "noite tamanha". Era aniversário de uma amiga, Maju, e a festa seria no tradicional Bar Bicho André.

Renato já sabia que a negra Maju estava apaixonada por ele. Mas ele gostava mesmo era da loira Bela. Para piorar, Maju e Bela eram amigas. Maju era locutora do programa Dinossauros do Rock, da Capital FM; e Bela trabalhava com Renato no Espaço da Ciência e havia estudado na Escola Técnica Federal de Campos (ETFC) na mesma época que ele.

Os três eram roqueiros. Maju havia conhecido Renato num show de rock e desde então não conseguia esquecer aquele menino que usava costeletas. Maju era mais jovem ainda que Renato. Tinha seus 15 anos. Mas Renato estava era apaixonado por Bela, que tinha um pouco mais idade que ele.

E afinal, naquela “noite tamanha”, com quem Renato ficaria? Com Maju, que gostava dele? Ou com Bela, que não dava muita bola para ele? O show da noite seria da genial banda Avyadores do Brazyl, do lendário Luizz Ribeiro. No repertório, muito rock, blues e reggae. A “noite tamanha” prometia.

A festa estava marcada para começar às 22 horas. Quando Renato chegou, Maju já estava lá. Jogando na sinuca de pano vermelho e tomando um drink da mesma cor. Renato pediu um vinho. E chegou perto de Maju. Ele começara a olhar para ela com olhos diferentes. Admirava aquela garota a qual ouvia no rádio e mandava alô para ele quando tocava uma música do Led Zeppelin. Maju entendia muito de rock.

Mas eis que aparece Bela e Renato fica dividido. E agora? O que faria? Quem beijaria? O show da Avyadores já havia começado. Estava tocando o bluesão “Cinco horas blues”! Luizz dava um show com seu vozeirão e Renato tinha decidir. Maju e Bela estavam perto uma da outra. Ele se achegou e começou a dançar com as duas.

Renato viu que Bela ia ser difícil e Maju estava mais afim. Então Renato chegou para mais perto dela. Dançaram mais próximos. E Renato saiu para pegar mais um copo de vinho. Ele trouxe também um copo de vinho para Maju. Os dois se divertiam, sorriam e sentiram um clima. Foi aí que se beijaram! Um beijo longo e gostoso com gosto de vinho misturado com chiclete de hortelã! A “noite tamanha” foi até às 5 horas da manhã. Nascia ali uma grande paixão, mas que duraria pouco tempo.

MULHER IRADA

WESLEY MACHADO

Renato havia gostado muito de ficar com Maju. Adorou o gosto de sua boca e seu beijo molhado com gosto de vinho misturado com chiclete de hortelã. Os dois começaram um tímido namoro. Por coincidência moravam perto um do outro, no bairro da Pecuária, e Renato começara a frequentar a casa de Maju. A irmã de Maju, Mayra, incentivava os dois a ficarem juntos. E a mãe de Maju, Maria, havia gostado do jeito de Renato.

Renato e Maju ficavam no quarto de Maju comendo biscoito de banana com canela e ouvindo música. Muito rock and roll, claro. Desde metal, passando por punk e hard core, até os clássicos. Numa oportunidade em que ficaram sozinhos em casa, eles transaram pela primeira vez, ao som de Rolling Stones. Foi uma tarde especial.

Mas algo mudaria dali há algumas semanas. Haveria um grande show da Avyadores no Trianon. Seria a gravação do primeiro dvd da maior banda de rock da história de Campos. Renato conhecia de vista o vocalista Luizz, que também morava no bairro da Pecuária.

Certo dia, havia acabado o combustível do carro de Luizz perto da rua onde Renato estava jogando bola com os amigos. Luizz vinha caminhando com um galão para comprar combustível no posto.

Foi então que Renato, que era fã de Luiz, abordou o ídolo e falou que tinha vontade de gravar um clip da Avyadores! Luiz gostou e aprovou a ideia. E chamou Renato para uma conversa em sua casa

Renato foi na casa de Luiz, que o recebeu muito bem, inclusive o mostrou uma música inédita, "Moenda", que falava sobre uma usina que moe tudo, sobre a "casa grande" e "os donos do engenho".

Estava decidido. Seria "Moenda" que ganharia um clip após a gravação da música em estúdio. Renato estudava Cinema e também era produtor musical. Nascia ali uma parceria.

Voltando ao show no Trianon, aquele dia marcaria o fim do relacionamento de Renato com Maju. Isto porque Bela estaria novamente no meio dos dois. Após um showzaço da Avyadores, aplaudidíssimo no Trianon, Renato havia sido presenteado por Luiz com a paleta da guitarra dele. Era um gesto de agradecimento ao fã pelo carinho recebido.

Do Trianon, Renato, Bela, Maju e outros amigos foram para o Terapias Bar, do botafoguense Assis, perto do Liceu de Humanidades de Campos. Tomaram muita cerveja e quando Renato e Bela já estavam bêbados, rolou um beijão dos dois ao som de "Mulher irada", da Avyadores.

O relacionamento de Renato e Maju não estava mais como antes. Renato havia pedido um tempo a Maju. E na verdade, ainda gostava de Bela. Naquela noite, Renato havia realizado seu desejo de muito tempo, que era ficar com Bela.

Renato havia encontrado uma "mulher irada", que acertou o coração dele, falava a mesma língua sua e tinha "um pouco de amor para dar" naquela "madrugada cinza e azulada".

Renato a levou pela mão até um táxi e os dois foram para um motel. Foi uma madrugada maravilhosa, que de cinza virou alaranjada com o amanhecer do sol e a sensação de prazer. Os dois começaram um relacionamento que durou alguns meses, entre muitos dias de sexo, chocolate e rock and roll, incluindo Ayyadores, claro. Um amor que deixou de ser platônico e virou real. Para felicidade de ambos.

DEPOIMENTOS

Meu contato com Luiz Ribeiro começou nos anos 80 na Caiana Discos. Luiz era um cliente que já impressionava pelo gosto musical apurado e diversificado. Quando ele montou a Avyadores do Brazyl nosso contato era mais frequente. Em 1988 comecei a pegar aula de violão na sua casa. Nessas aulas levava alguns discos para que ele tirasse a música que queria aprender. Luiz era uma pessoa difícil, tivemos alguns atritos por conta de uma discussão na Caiana, o que foi superado tempo depois por conta de Nelson Martins Sobrinho que fazia parte da banda. Acabei ajudando com um patrocínio para o lançamento do vinil “ Qualquer Prazer” que além de Meméia tinha Sérvulo Sotto no baixo, e participações especiais de Ângelo Nani, do saudoso Dom Américo, entre outros. Suas composições sempre tinham elementos de vários estilos como rock’n’roll, mpb, ska, reggae, blues, r&b, mas altamente autoral, como no disco “Alguma coisa vai acontecer no 401” lançado em 2000. Luiz foi sem dúvida o grande nome do rock na história de Campos pelo o que ele representou para a geração de músicos que tiveram nele um exemplo a ser seguido. Sua obra ficou registrada para todos nós apreciarmos, ouvirmos e reverenciarmos.

Paulo André Barbosa - Rádio Caiana

Conheci a banda Avyadores do Brazil e Luiz Ribeiro, em 1992. Ao longo dos anos passei a colecionar Cds Demos (autografados) de suas obras e apresentações dos Avyadores.

Destaco a participação da banda Avyadores no evento Dinossauros do Rock II (1999). Ao longo da apresentação, o repertório não contagiou a todos. A banda soltou suas pedradas blues, classic rock e brasilidades. Todas autorais. Ao final, em uma sacada de mestre, Luiz soltou o recado final:

“Agradeço a todos que tiveram paciência em ouvir as nossas músicas, obrigado. Como retribuição, vamos tocar duas músicas que influenciaram demais a nossa banda, durante a adolescência.”

Os Avyadores fecharam a sua participação com Iron Man e Paranoid, da banda Black Sabbath. O público delirou. Eu Jamais esqueci aquele recado.

Após a sua morte, com apoio de amigos e admiradores conseguimos homenageá-lo com a criação da Lei Municipal DIA do ROCK GOITACÁ, a ser comemorado no dia 06 de maio, data de nascimento de Luiz Ribeiro. O DIA do ROCK GOITACÁ tem contribuído para dar visibilidade às letras e músicas de Luizzes da terra dos cabruncos.

Luiz Ribeiro, alguma coisa ainda está acontecendo.

Romualdo Braga - DJ e produtor cultural

Luiz, antes de ser Luizz, sempre foi um irmão. Em 2001, no 11 de setembro, assim que estava acontecendo a derrubada das Torres Gêmeas lá dos Estados Unidos, eu e ele estávamos comentando pelo telefone o quanto aquele acontecimento iria afetar a humanidade. Estávamos nós dois muito tristes e apavorados com aquilo tudo acontecendo e até falamos sobre fazer algumas composições. Depois, em um dos nossos shows do Fulinaíma, projeto montado pelo amigo e poeta Artur Gomes, ele apresentou uma composição autoral falando de um louco muçulmano que afetou o império americano.

Um outro acontecimento também que eu me lembro bem foi quando o cd Sax Blues e Poesia, do Fulinaíma, foi lançado. Nós estávamos no carro ouvindo e quando tocou a faixa de minha autoria, "Esfinge", onde dividimos os solos, tanto eu e ele viramos um para o outro e falamos: "estou arrepiado com os nossos solos! Ficaram muito bonitos". Ali eu percebi que realmente estávamos nos dando super bem, com uma imensa admiração entre ambos. Sempre era um enorme prazer quando tocávamos juntos e depois dos shows eram muitos bate-papos regados com cervejas e alegrias. Bons tempos.

Reubes Pess - músico



ALGUMA COISA ACONTECEU NO 401 é uma homenagem a Luiz Ribeiro, músico ímpar, líder da Avyadores do Brazyl e amigo inesquecível, pela ocasião dos 10 anos de sua morte, completados em 2020.

Saudades imensas.